

Professor no séc. XXI: dilemas entre a permanência e a resiliência, percepções acerca do protagonismo do professor

Eliana Curvelo Rodrigues¹

Ivan Amaral Guerrini²

Sônia Maria Duarte Grego³

Resumo:

A prática dos docentes do Ensino Superior são práticas tradicionais que alienam o trabalho pedagógico, limitando o ensino e aprendizagem que devem libertar e conscientizar o trabalho humano.

Este texto faz uma analogia dos mitos de Sísifo e Jonas para demonstrar o quanto a cultura tradicional de ensino e aprendizagem aliena o trabalho do professor do Ensino Superior. As possibilidades de reconhecer o trabalho pedagógico e ou professoral em um dos mitos pode auxiliar na compreensão de reconstruir a imagem que o docente tem de si, reconfigurando a sua prática docente.

Uma reconstrução que possa promover a práxis como elemento fundamental de sua prática docente, consolidada no tripé da Universidade, proporcionando condições de troca de experiências e de conhecimentos concebidos que transforme a realidade. Uma práxis do educador com um compromisso alicerçado na necessidade de superar todos os dias a própria permanência e ou resiliência que moldam o professor num trabalho estagnado e perpétuo.

Ao professor a responsabilidade de saber que o seu trabalho, uma forma de intervir no mundo, transforma a vida de outros e a própria através do ato educativo.

Palavras Chaves: docente, inovação, ruptura, mitos, ensino superior.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Araraquara/SP. e-mail: eliana@fca.unesp.br

² Prof. Titular do Departamento de Física e Biofísica – Instituto de Biociências – UNESP – Botucatu/SP. e-mail: guerrini@ibb.unesp.br

³ Prof^a. Livre Docente do Departamento de Didática – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara/SP. e-mail: smdgrego@vivax.com.br

Introdução

O presente texto apresenta uma análise entre o contexto histórico e mitos que podem ser evidenciados para romper com a estagnação do ensino e aprendizagem ao quais professores e alunos, atores deste processo, se encontram no ensino de nível superior.

Os mitos podem ser pontos de referência para transmutar a compreensão do trabalho docente no ensino superior, de forma que desta análise observada empiricamente possam suscitar a resiliência como motivação intrínseca do professor para com o ensino e a aprendizagem, a qual não é só função, mas responsabilidade.

Reconhece-se que a Educação se encontra em transformação, suas fronteiras estão sendo redesenhadas, pelas necessidades políticas, sociais e econômicas. Esta revolução díspare de movimentos sobre os valores pertinentes à Educação se recobre de um discurso de incertezas e esperanças (Tedesco, 2001). Incertezas, essas, sobre o desenho de uma educação tradicional que não cabe mais no contexto revolucionário e inovador sobre o significado do conhecimento, ou melhor, da produção cultural e histórica que transforma a sociedade continuamente. E a Esperança é no sentido de trabalhar o devir, a práxis numa educação, ou melhor, numa ciência da educação na qual a compreensão desta se apresenta na exposição de Saviani (p. 13, 2008): *“... o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens.”*, portanto a esperança deste processo se concretizar na educação e em especial na educação superior.

Neste contexto de entender as transformações pelas quais a educação se redesenha, há a necessidade de explorar quais são as práticas docentes que ocorrem no ensino superior e analisar a falta de uma metodologia específica do ensino superior aplicada que auxilie o desempenho docente nas áreas do conhecimento as quais são desenvolvidos o ensino e aprendizagem.

Ao entender as transformações, devem-se propor ações que mudem as práticas tradicionais em inovações permanentes. Inovação entendida como *“a ruptura com o estilo didático habitual e o protagonismo que identifica os processos de gestação e desenvolvimento da prática nova”* (Cunha, Lucarelli et al. 2007, p. 80), constituindo-se assim um espaço permanente de formação e produção de conhecimento onde os sujeitos são protagonistas e têm uma atitude de interdependência constante em suas ações pedagógicas.

E que estas atitudes evoquem no professor o sentido e o significado entre os saberes constituídos e a sua interação pessoal para uma transformação real do trabalho docente. Para Tardif (p. 56, 2002) o trabalho “... *modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo consigo mesmo*”; e nesta perspectiva é indispensável saber como o professor compreende e define a sua prática.

As práticas observadas podem direcionar a reflexão e orientar ações de transformação sobre ensino e aprendizagens reais e significativas. Esta necessidade se configura numa tomada de consciência sobre preconceitos nas práticas docentes que segundo Nietzsche (2006, p.105) está carregado de valores e devem preparar “... *a humanidade um momento de suprema tomada de consciência, um grande meio-dia, no qual ela olhe para trás e para a frente, no qual ela fuja ao império do acaso [...] e coloque pela primeira vez a pergunta do por quê?, do para quê?*.”

Por que e para quê a necessidade do professor, uma pessoa a ser entendida em suas experiências e na forma de dialogar o conhecimento na sua prática docente.

Contexto Histórico

O professor do ensino superior desenvolve muitas vezes a sua prática sem ter nenhuma preparação pedagógica, a qualidade do trabalho docente se permeia na qualidade de pesquisador, o que significa que a sua formação pedagógica apesar de necessária não é de vital importância para a permanência e atuação como docente universitário (Gil, 2005; Pimenta, 2002; Vasconcellos, 2006).

Existem valores que incidem diretamente na prática docente, tais valores se configuram na forma como está estruturada a universidade; ou seja, do tripé de ensino, pesquisa e extensão. Entretanto é sabidamente patente a importância que se tem dado ao quesito pesquisa, e da qual o docente que se envolve tenazmente é altamente valorizado, o que implica reconhecimento pelos seus pares. Nos quesitos de ensino e extensão notoriamente tem se perdido a identidade, o que acarreta perda de sentido e vitalidade. Obviamente esta perda de identidade leva obrigatoriamente considerar qual é o sentido e o significado da Universidade a qual deve se reconfigurar e redescobrir que o ensino, a pesquisa e a extensão são indissociáveis apesar das práticas avaliativas não considerarem os mesmos valores.

Se partirmos da constatação de que o trabalho docente é permeado de motivações, interpretar a motivação extrínseca e intrínseca que impele o trabalho docente no ensino

superior é de vital importância para entender os processos ao qual o professor do ensino superior define o seu saber docente.

A motivação extrínseca está presente em toda a ação que poderá de alguma forma ter um retorno ou acesso a algo ou alguma coisa; ou seja; no caso do Ensino Superior, o reconhecimento pelos recursos advindos das pesquisas, pelos pares e da academia científica.

A motivação intrínseca, diferentemente, está associada ao trabalho que estimula e impulsiona o indivíduo numa tarefa de forma prazerosa; e talvez; no caso do Ensino Superior, o trabalho docente através do ensino e da aprendizagem, a tarefa de comunicar e construir o conhecimento de forma coletiva.

Sabendo-se que o docente é valorizado pela pesquisa, acaba existindo um desdobramento do trabalho docente em torno das pesquisas e a publicação em revistas indexadas, em detrimento do ensino e da extensão que são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, tanto quanto a pesquisa.

Este desvelar é necessário para colocar o mito, e quem sabe um mito fundador, sobre o que é ser professor e a sua prática pedagógica no ensino superior. Segundo Cunha (in Leite, 2002, p.81): *“A prática pedagógica universal, reforçada por anos de didática prescritiva, reforça as relações verticais e consagra o professor como um repassador (até com boas habilidades) de informações enquanto para o aluno fica a perspectiva da memória e da reprodução fidedigna. Este ritual da aula universitária revela uma concepção de conhecimento, de aprendizagem humana, e conseqüentemente, de sociedade. Contém uma idéia do que é ser cidadão educado e profissional competente. A maioria dos professores não faz uma reflexão rigorosa sobre suas práticas e, como produto acabado dos processos que os formaram, repete os mesmos rituais pedagógicos que viveu.”*

E, não faz consistentemente nenhuma reflexão porque não existe a necessidade de expor os sentidos e sentimentos que estão imbuídos no ato de ensinar, pois o seu reconhecimento acadêmico valoriza mais o trabalho em pesquisa e não as interações intelectuais que são construídas na coletividade do ensino e aprendizagem dos atores envolvidos neste processo.

O trabalho do professor acaba inculcado de forma a reproduzir o conhecimento como algo acabado e, assim organiza o ensino sem nenhuma surpresa ou dúvida. O docente transmite o conhecimento, e não reconhece o pensamento divergente, e neste papel permanece imutável a sua prática de ensinar e de avaliar.

Os estudos sobre o ensino superior apontam que o discurso de “quem sabe,

automaticamente, sabe ensinar”, desmistifica este olhar e aponta direções. Uma das direções é a iniciativa das universidades em desenvolver cursos de formação pedagógica para o ensino superior. Segundo Masseto (p.11, 2008): “... os professores começaram a se conscientizar de que a docência, como a pesquisa e o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica. O exercício docente no ensino superior exige competências específicas, que não se restringem a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor, ou, ainda, apenas o exercício de uma profissão. Exige isso tudo, além de outras competências próprias”.

Competências profissionais, pedagógicas, conceituais e de gestão do currículo, das relações interpessoais, políticas e de domínio de tecnologias educacionais; as quais serão utilizadas e apreendidas para que os envolvidos possam responder às necessidades e possibilidades sociais às quais são chamados a responder criticamente como cidadãos e profissionais.

O professor tem objetivos a serem atingidos através do conhecimento e em sua ação habilidades pessoais que são guiadas pelas experiências bem sucedidas e histórias que perpassam pela intuição. A arte da educação é permeada pela comunicação e interação que auxilia o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e para que tal fenômeno ocorra há a necessidade de que os alunos participem deste processo pedagógico.

E é justamente neste aspecto que para o professor pode estar uma das dificuldades a serem rompidas. Para Tardif (2006, p.167): “Ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variação de interações.”

Entretanto romper significa compreender quais são os medos presentes na ação pedagógica, considerando as próprias experiências e intuição no desenvolvimento do conhecimento.

E neste contexto a abordagem dos mitos e arquétipos pode ajudar na reflexão que deve ser apropriada para despertar um novo olhar sobre o trabalho educativo do docente do Ensino Superior.

Mito de Sísifo

O mito de Sísifo se refere ao mortal que desafiou os deuses e o próprio destino; ao ser capturado é punido por toda a eternidade a empurrar uma pedra de mármore com suas mãos até o topo de uma montanha; e toda vez que ele está quase chegando ao topo, a pedra rolaria novamente montanha abaixo até o ponto de partida por meio de uma força

irresistível. Este mito ficou conhecido como trabalho de Sísifo, pela demonstração de esforços inúteis.

Segundo Camus (1999), em seu livro ele se refere ao mito como uma metáfora sobre a vida moderna, onde os trabalhadores têm empregos fúteis, desenvolvendo as mesmas tarefas todos os dias. Para ele, Sísifo vive sua vida ao máximo, e é condenado a uma tarefa diária sem sentido. A falta de consciência sobre o trabalho impede a reflexão apesar de reconhecer que o sofrimento e as dificuldades estão presentes ainda acredita que é possível encontrar a felicidade.

O professor do Ensino Superior em seu cotidiano se encontra trabalhando de forma hercúlea, envolvido em tarefas que nem sempre o conduz aos objetivos primários; perdendo o sentido e esvaziando o trabalho, principalmente o trabalho pedagógico. A falta de sentido o faz cada vez mais se envolver em mais trabalhos, pesquisas, grupos de estudo, reuniões. Está sempre recomeçando algo, é como se estivesse o tempo todo tendo que demonstrar a sua competência para ser reconhecido pelos seus pares e discípulos.

Segundo Gusdorf (2003, p. 91): *“O mestre adquire sua dignidade pelo consentimento de seus pares ou pelo reconhecimento de seus discípulos. Antes de mais nada, a qualidade de mestre é devida a um grau universitário e a uma função professoral.”*

Entretanto para se tornar um mestre, o professor antes de desejar demonstrar aos outros a sua competência, tem demonstrar o quanto de si está presente no ato pedagógico. Para Gusdorf (2003, p.92): *“... o mestre, antes de surgir como modelo para os outros, é aquele que encontrou a si mesmo, porque conquistou a si mesmo”.*

E na analogia do Mito de Sísifo e das citações de Gusdorf, cabe-nos implicar a reflexão contínua do trabalho docente, para que haja um novo desenho e sentido da atividade docente no Ensino Superior, no contexto do professor para o séc. XXI.

Mito de Jonas

O mito de Jonas, particularmente a abordagem desse mito feita por Leloup (2001), mostra um arquétipo coletivo que dirige os seres humanos na direção de se acomodar ao jeito antigo e conhecido de agir. No caso dos professores de ensino superior, usar o mito ou arquétipo de Jonas significa achar que a formação de professor, através da graduação e pós-graduação, e mesmo que não tenham passado pela licenciatura, já lhes confere conhecimentos suficientes para repassar esses conhecimentos da mesma forma aprendida e por eles assimilada. A estória bíblica de Jonas, de onde veio o arquétipo, diz que Jonas, um ser temente a Deus e conhecedor de suas leis, recebeu

um chamado para ir à Nínive, uma cidade desconhecida, cheia de habitantes com pensamentos e atitudes diferentes para Jonas, possíveis inimigos. No entanto, Jonas ignora o chamado e toma, furtivamente, o barco para ir a Társis, a cidade já muito conhecida por ele, onde não há necessidade de se defrontar com o diferente. No meio da viagem, eis que surge uma grande tempestade, sendo que o capitão do barco e toda a tripulação fazem de tudo para aplacar a ira divina que se revela na natureza, porém sem sucesso. Descobrem, então, Jonas dormindo no porão do barco e lhe perguntam quem é ele e o que ele faz ali. Ao jogar dados, descobrem ainda que Jonas seja de alguma forma, o responsável pela tempestade que os ameaça. Jonas, ao ser interrogado, percebe que fora o chamado divino para Nínive, não atendido, que fez com que ele e os que estavam a sua volta estivessem naquela situação. Toma consciência de sua atitude contrária ao seu chamado e pede, então, para ser jogado ao mar. Quando isso acontece, o mar se acalma. Ele é, em seguida, engolido por um grande peixe e fica em seu ventre por três dias. Esses três dias de escuridão é que permitem uma profunda reflexão de Jonas e a descoberta interior de que precisa cumprir sua missão, seu chamado para ir à terra da novidade, para mudar de rumo na vida. Descobre que inconscientemente decidiu ir a Társis por medo do novo, medo do desconhecido, medo do desconforto.

A leitura simbólica dessa estória mostra que o ser humano, representado por Jonas, é aquele que tem um grande medo inconsciente de mudanças, procurando levar a vida sempre por um caminho conhecido, fugindo dos diferentes. Somente uma grande tempestade, as agruras da vida, as grandes crises é que poderão trazer-lhe a consciência do medo das novidades e fazê-lo despertar na direção das mudanças.

No caso do professor de ensino superior, seria importante introduzir o elemento simbólico em suas reflexões acadêmicas, alguns mitos e arquétipos, como o de Jonas, a fim de que percebesse a necessidade de ser flexível em termos do seu conhecimento sobre o processo ensino-aprendizagem; indo além da forma conteudista ao promover mudanças drásticas na direção de sua postura como educador. Assim, poderia descobrir sua verdadeira missão de educador, dando uma guinada em sua vida de docente. Sabe-se, entretanto, que os meios acadêmicos tradicionais não ajudam nessa busca e o que se vê são, geralmente, professores reprodutores de técnicas clássicas de ensino, não conseguindo descer de seu pedestal de poder acadêmico, induzindo os alunos a serem e permanecerem como apenas objetos de seu processo de aprendizagem, jamais interlocutores. Somente o “despertar de Jonas” que dorme no fundo do barco na direção do conhecido é que fará o professor se motivar e, por consequência, motivar seus alunos na direção da resiliência, saindo da permanência na

zona de conforto, buscando alcançar o objetivo mais sublime, sua realização profissional na missão verdadeira. Quando consegue fazer esse movimento, a aprendizagem passa a ser uma propriedade emergente do sistema de ensino, da relação professor-aluno.

Considerações

O mito de Jonas e o de Sísifo demonstram e identificam como as atitudes professorais estão imersas num arcabouço de conflitos e situações que permeiam a vivência e a experiência dos docentes do Ensino Superior. Esta compreensão incide em novas posturas acerca do trabalho docente desde que, esta compreensão seja feita como uma práxis, contínua, concebida para desmitificar os mitos fundadores existentes e promover a vida do educador como um perscrutar o mundo.

E que este perscrutar o mundo esteja envolto de percepções, sentidos e sentimentos que levem o professor a ser espontâneo e livre, e através do ato educativo, seu trabalho o fortaleça e suas realizações exteriores sejam confirmações daquilo que se tornou; um educador.

Ao educador uma relação consciente do conhecimento com a sua prática pedagógica, que deve despertar e transformar a vida dos educandos, trazendo à tona as possibilidades adormecidas, modificando intencionalmente a humanização do outro e a própria humanização.

Bibliografia

- CAMUS, A. C. **El mito de Sísifo**. 1ª Ed. – Madrid – Espanha: Ed.Alianza, 1999.
- CUNHA, M. I. **Aula Universitária: Inovação e Pesquisa**. In: LEITE, D., MOROSINI, M org. - **Universidade Futurante** – 2ª Ed.- Campinas, SP: Papirus, 2002.
- GUSDORF, G. **Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia**. Trad. M.F. – 3ª Ed. – São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.
- LELOUP, J. Y. **Caminhos da Realização: Dos medos do eu ao mergulho no ser**. 10ª Ed. – Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2001.
- LUCARELLI, E. **Pedagogia Universitária e Inovação**. IN: CUNHA, M. I. et al **Reflexões e práticas em Pedagogia Universitária**, Campinas – SP: Papirus, 2007.
- MASSETTO, M. **Professor Universitário: Um Profissional da Educação na**

Atividade Docente IN: MASSETTO, M. et al **Docência na Universidade** – 9ª Ed. – Campinas, SP: Papirus, 2008.

NIETZSCHE, F. W. **Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é** – Trad., Org. e Anotações de Marcelo Backes – Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

PACHECO, J. **Pequeno Dicionário de Absurdos em Educação** – Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no ensino superior v. 1**, São Paulo, SP: Cortez, 2002.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**, 10 ed. ver. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docente e formação profissional**, 7ª Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TEDESCO, J. C. **O Novo Pacto Educativo – Educação, Competitividade e Cidadania na Sociedade Moderna**. Trad. Otacílio Nunes – São Paulo, SP: Ática, 2001.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento – projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**, 16ª ed. São Paulo, SP: Libertad Editora, 2006.